

## BREVE ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO EM PLATÃO

Otacilio Luciano de Sousa Neto<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende explorar dois sentidos para a participação em Platão: um que diz respeito a própria natureza do sujeito da participação e outro que é capaz de relacionar duas naturezas distintas. Para tanto, o estudo se serve de recentes análises na história da filosofia platônica: sobretudo de Kahn, Cornford e Scolnicov. O intuito é perceber como os sentidos pelos quais é possível compreender a participação podem estar presente em vários momentos do *corpus platonicum*, a saber: *Fédon* 103b-104c; *Parmênides* 155e-156a e *Sofista* 251a-255c.

**Palavras-Chave:** Platão. Participação. Predicação. Μετέχω. Μεταλαμβάνω.

## BRIEF STUDY ON THE DIRECTIONS OF PARTICIPATION IN PLATO

**Abstract:** This paper intends to explore two meanings for participation in Plato: one that concerns self nature of the subject of participation and another that is able to relate two different natures. To this end, the study uses recent analyzes in the history of Platonic philosophy: above all of Kahn, Cornford and Scolnicov. The intention is to understand how the senses by which it is possible to understand participation can be present in several moments of the corpus platonicum, namely: *Phaedo* 103b-104c; *Parmenides* 155e-156a and *Sophist* 251a-255c.

**Key-words:** Plato. Participation. Predication. Μετέχω. Μεταλαμβάνω.

O texto que se lê é um pequeno estudo acerca dos sentidos para a participação em Platão. Este estudo, entretanto, leva em consideração recentes pesquisas acerca do problema da participação e da predicação em Platão, sobretudo no *Fédon*, *Parmênides* e *Sofista*. O que é visado apresentar são dois distintos modos de predicação em Platão advindos de dois modos de participação que se expressam, de alguma maneira, em dois termos gregos diferentes: μετέχω e μεταλαμβάνω.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará sob orientação de José Gabriel Trindade Santos, tendo a dissertação sob o título de: *O Problema da participação em Platão: Fédon, República, Parmênides e Sofista*.

## BREVE ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO EM PLATÃO

Para a compreensão do tema é preciso ter em mente uma distinção feita por Kahn de dois modos de relação entre Gêneros. Tendo em vista o debate dos Gêneros e o problema da predicação, presente no *Sofista* (251a-255e), a distinção se estabelece da seguinte maneira:

O momento de significância central aqui é a prova de que Ser e Outro não são um único Gênero. Esta prova, que pode parecer supérflua, serve para chamar a atenção para um contraste fundamental entre as duas formas de ser a que me refiro como predicação *per se* e *per aliud*, uma distinção entre dois usos do "é" que foi encontrado anteriormente neste diálogo e mais freqüentemente no *Parmênides*: "os homens são chamados de seres, alguns são ditos por eles mesmos, outros são sempre ditos em relação a outra coisa" (255c12). (Esta é a distinção identificada pela primeira vez por Michael Frede sob o título de "is<sub>1</sub>" e "is<sub>2</sub>".)

O ponto relevante aqui é que, enquanto Ser é dito de ambas as maneiras, o Outro é sempre e somente dito *per aliud*. Ser Outro é sempre ser Outro de outra coisa: não há maneira intrinsecamente auto-referencial de ser Outro. Em contraste, o Ser vem em ambos os modos. As predicções ordinárias expressam-se *per aliud*, onde o sujeito é caracterizado por um atributo que introduz uma forma ou natureza distinta. Ao ser *per se*, por outro lado, o predicado expressa diretamente o ser do sujeito em si, sua essência ou natureza especificada em resposta ao Socrático questionamento "O que é F?". Assim, a auto-predicação (O f é F) é a forma padrão de predicação *per se*.

Uma vez que o Outro é sempre predicado *per aliud*, enquanto o Ser é predicado em ambos os sentidos, o Outro deve constituir uma forma distinta do Ser. Poderia haver formas mais simples de estabelecer essa não-identidade, por exemplo, por substituição. Platão escolheu esta ocasião para chamar a atenção para a distinção fundamental entre dois modos de predicação, a distinção correspondente à diferença entre ser uma forma e ter uma forma como atributo por meio da participação. A distinção foi cuidadosamente preparada, tanto aqui como no *Parmênides*. O que se acrescenta aqui é uma caracterização formal desta distinção em termos dos dois modos de ser. Esta distinção será agora repetidamente ilustrada pela resolução da aparente contradição entre os pares de asserções que se seguem. Toda essa análise objetiva precisamente resolver os problemas do Não-Ser pela distinção sistemática entre esses dois modos de predicação. E essa análise também pode ser vista como a resposta final de Platão ao desafio colocado pela notória objeção do Terceiro Homem à teoria da Forma. (KAHN, 2013. p114-117. Tradução nossa).

O que se pretende apresentar são diferentes modos de relação entre Formas e participantes: uma que se diz a partir da própria natureza do sujeito de predicação e outra que se diz tendo em vista outra natureza que não a do próprio sujeito da predicação. Para se pensar nestes modos, entretanto, é necessário compreender que Platão já estabeleceu, em outros diálogos, a participação como: uma relação entre uma Forma – entidade não capaz de ser captada pelas senso-percepções – e um ente que nunca permanece idêntico a si ou a outros e é

### Otacílio Luciano de Sousa Neto

senso-percetível (Fédon 78d-79a). Porém, o que os personagens nos diálogos de Platão discutem acerca da participação e da predicação não é consenso em uma análise comparativa entre os diálogos: na República 476a é possível ler que ações, predicados e Formas podem participar das Formas<sup>2</sup>, ou que Formas contrárias podem estar no mesmo ente<sup>3</sup>. Contudo, no Parmênides (127a-e) Zenão já não pode concordar que os entes podem possuir múltiplos predicados, pois isto seria contraditório. Sócrates, em seguida, reitera as Formas para defender a predicação de contrários sem contradição já anunciando que ficaria surpreso caso alguém apresentasse que as Formas participam umas das outras (*Parmênides* 129a-e). Contudo, Parmênides coloca a argumentação de Sócrates, que é muito semelhante a que se estabelece no Fédon (78d-79a; 100c-ce), sob difíceis aporias (*Parmênides* 130a-132e). O que é preciso que seja tomado como conhecimento prévio é que as Formas, a participação e predicação são melhor discutidas sob a luz do *Sofista* (253a-255e). Dialogo o qual esclarece, em leitura conjunta com o Fédon, República e Parmênides o problema da participação<sup>4</sup>. Como se vê, este esclarecimento se dá sob a separação da participação em dois modos. O presente estudo, portanto, tentará apresentar que estes modos de compreensão da participação não estão presentes apenas no *Sofista*, mas que constituem uma estrutura da própria participação que se apresenta em vários momentos dos diálogos de Platão: sobretudo no *Parmênides* (130e-131c; 155e-156a) e no Fédon (103d-104b).

Antes foi visto dois modos de predicação: *per se* e *per aliud*. Vale relembrar:

O ponto relevante aqui é que, enquanto Ser é dito de ambas as maneiras, o Outro é sempre e somente dito *per aliud*. Ser Outro é sempre ser Outro de outra coisa: não há maneira intrinsecamente auto-referencial de ser Outro. Em contraste, o Ser vem em ambos os modos. As predicções ordinárias expressam-se *per aliud*, onde o sujeito é caracterizado por um atributo que introduz uma forma ou natureza distinta. Ao ser *per se*, por outro lado, o predicado expressa diretamente o ser do sujeito em si, sua essência ou natureza especificada em resposta ao Socrático questionamento “O que é F?”. Assim, a auto-predicação (O f é F”) é a forma padrão de predicação *per se*.

Uma vez que o Outro é sempre predicado *per aliud*, enquanto o Ser é predicado em ambos os sentidos, o Outro deve constituir uma forma distinta do Ser. Poderia haver formas mais simples de estabelecer essa não-identidade, por exemplo, por substituição. Platão escolheu esta ocasião para

<sup>2</sup> Cf. FERRARI, 2014, p.18.

<sup>3</sup> Cf. NEHAMAS, 1982, p1.

<sup>4</sup> Para a compreensão e o estabelecimento desta discussão previa é possível recorrer a alguns textos: KAHN, Charles. *Essays on being*. New York: Oxford University Press, 2009, pp. 94-130; NETO, Otacílio Luciano de Sousa. *Análise das aporias da participação no “Parmênides” de Platão: um estudo introdutório*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

chamar a atenção para a distinção fundamental entre dois modos de predicação, a distinção correspondente à diferença entre ser uma forma e ter uma forma como atributo por meio da *participação*. A distinção foi cuidadosamente preparada, tanto aqui como no *Parmênides*. O que se acrescenta aqui é uma caracterização formal desta distinção em termos dos dois modos de ser. Esta distinção será agora repetidamente ilustrada pela resolução da aparente contradição entre os pares de asserções que se seguem. Toda essa análise objetiva precisamente resolver os problemas do Não-Ser pela distinção sistemática entre esses dois modos de predicação. E essa análise também pode ser vista como a resposta final de Platão ao desafio colocado pela notória objeção do Terceiro Homem à teoria da Forma. (KAHN, 2014, p117. TRADUÇÃO NOSSA).

Isto nos leva a algumas perguntas, a saber: em qual ponto do *Parmênides* esta distinção é apresentada? Há, no *Parmênides*, algo que nos esclareça sobre os tipos de participação?

É interessante para que se entenda a participação no *Parmênides*, já de início, a observação de certas passagens nas quais Parmênides pergunta a Sócrates como se dá a participação. Lê-se:

Mas dize-me: tu mesmo assim fizeste a divisão tal como falas: de um lado certas formas mesmas, de outro as coisas que delas participam? E te parece a semelhança mesma ser algo, separada do que temos, e também o um e as múltiplas coisas e todas as coisas que há pouco ouviste de Zenão?

καί μοι εἰπέ, αὐτὸς σὸ οὕτω διήρησαι ὡς λέγεις, χωρὶς μὲν εἶδη αὐτὰ ἄττα, χωρὶς δὲ τὰ τούτων αὖ μετέχοντα; καὶ τί σοι δοκεῖ εἶναι αὐτὴ ὁμοιότης χωρὶς ἢς ἡμεῖς ὁμοιότητος ἔχομεν, καὶ ἐν δὴ καὶ πολλὰ καὶ πάντα ὅσα νυνδὴ Ζήνωνος ἤκουες;

(PLATÃO, *Parmênides*. 130b)

É possível homologar tal concepção questionada por Parmênides? É compreensível que, mediante a proposição de Parmênides, as Formas estão separada (*χωρὶς*) dos itens que delas participam. Parmênides pergunta se as Formas são separadas dos entes que delas participam. Já é muito discutido o problema da separação em Platão, talvez não seja o caso de aprofundá-lo aqui<sup>5</sup>. Entretanto, a passagem apresenta as Formas e os itens que delas participam [*μετέχοντα*]. Percebe-se que *μετέχοντα* é participio presente, portanto, não indica, necessariamente entes sensíveis, mas, quaisquer coisas que possa participar das Formas,

---

<sup>5</sup> Para ampliar a discussão deste problema, conferir: FUJISAWA, 1974. Conferir também: FINE, 2003. pp 252-301; NETO, Otacilio Luciano de Sousa. *Metécho e metalambáno*: haveria mais de um sentido de participação no “*Parmênides*” de Platão? Ítaca, n. 29, 2015, p10-26.

## BREVE ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO EM PLATÃO

sejam entes sensíveis, ações e outras Formas<sup>6</sup>. Isto denota que não há em Platão, necessariamente, Formas que se relacionem unicamente com entes senso-perceptíveis.

Em momentos depois Parmênides questiona novamente. Vê-se:

[...] Mas dize-me o seguinte: parece-te, como dizes, haver certas formas, em tendo participação nas quais essas outras coisas aqui recebem suas denominações? Por exemplo: se têm participação na semelhança, as coisas se tornam semelhantes, se na grandeza, grandes, se no belo e na justiça, justas e belas?

τόδε δ' οὖν μοι εἰπέ. δοκεῖ σοι, ὡς φής, εἶναι εἶδη ἅττα, ὧν τάδε τὰ ἄλλα μεταλαμβάνοντα τὰς ἐπωνυμίας αὐτῶν ἴσχειν, οἷον ὁμοιότητος μὲν μεταλαβόντα ὅμοια, μεγέθους δὲ μεγάλα, κάλλους δὲ καὶ δικαιοσύνης δίκαιά τε καὶ καλὰ γίνεσθαι;

(PLATÃO, Parmênides. 130e - 131a).

Platão, ao refazer a pergunta na boca de Parmênides, acaba por inserir uma novidade ao debate: as coisas que participam das Formas recebem, na participação, denominações [ἐπωνυμίας]. De tal modo, uma ente (a) recebe uma propriedade (x) na medida em que participa da Forma (X), e.g.: o ente é semelhante por participar da Semelhança. É novo também o termo usado que se traduz por participação: μεταλαβόντα.

Dizem μεταλαβόντα e μετέχοντα o mesmo?

Deve-se observar que μεταλαμβάνειν nada mais é que o verbo μεταλαμβάνω na terceira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa. O verbo μεταλαμβάνω é compreendido, de início, por “ter ou obter uma parte, participar”. Esta compreensão aponta para “uma parte recebida ou adicionada”. O termo também pode referir a algo que “recebe em sucessão, ou posteriormente”, ou ainda a algo que “se toma como alternativa, que se toma em troca, que substitui”. Entende-se também como algo que pode “ser mudado”<sup>7</sup>.

Já μετέχειν é o infinitivo presente da voz ativa do verbo μετέχω. O verbo μετέχω pode facilmente ser compreendido por “participar, ou compartilhar em”, de modo a referir a “partes adicionadas”<sup>8</sup>.

É difícil não imaginar que o verbo μεταλαμβάνω possa ser a junção do prefixo “μετά” ao verbo “λαμβάνω”. Também não é difícil reconhecer a associação entre μετέχω aos termos “μετά” e “ἔχω”. O prefixo “μετά” traz o sentido de “juntamente com, entre, pelo auxílio de”. O verbo “λαμβάνω” tem o sentido de “a garrar, segurar, levar consigo como prêmio ou

<sup>6</sup> Cf. PLATÃO, *República*. 476a.

<sup>7</sup> Cf. LIDDEL, H. G. SCOOT, R. 1996.

<sup>8</sup> IDEM, *ibidem*.

### Otacilio Luciano de Sousa Neto

espólio, pegar, tomar em mãos, receber, tomar posse de, apreender, obter a posse de”. O verbo “ἔχω” traz entre seus sentidos “ter, segurar, como uso mais comum: possuir propriedade, manter, sustentar, reter, suportar ou segurar para si mesmo”.

Dois úteis pesquisadores tentaram, anteriormente, estabelecer uma distinção conceitual a partir dos dois termos supracitados, são estes: Cornford e Scolnicov<sup>9</sup>. Lê-se:

As in the *Phaedo*, μεταλαμβάνειν (μετάσχεσις, *Phaedo*, 101c, μετάληψις *Parm.* 131 a, Aristotle, quoted below, p. 79) means beginning to partake when the thing becomes like (γίγνεσθαι), whereas μετέχειν is used of having a share and corresponds to being like (εἶναι). Μετέχειν and μεταλαμβάνειν are clearly distinguished again at 155E, 11-156A, 1. (CORNFORD, F. M. 1939. p69).

Μεταλαμβάνει is the Platonic equivalent of ‘becomes’, just as μετέχει, ‘takes part in’, or ‘participates in’, is his equivalent of the predicative ‘is’. Of Course, on ‘Socrates’ thesis (cf. 128e5.; ff; above, p48), only sensibles can ‘come to take part in’ something, viz. in the forms, which are different from them. (SCOLNICOV, 2001. p56).

Na apresentação de Scolnicov é claro que, para o Sócrates do diálogo, a participação se dá apenas em entes sensíveis. Entretanto, não se vê que esta tese pode ser defendida por Parmênides, uma vez que em suas perguntas ele apenas pergunta acerca “dos participantes” ou das “coisas que das Formas participam”. Ainda assim, Scolnicov distingue μεταλαμβάνει de μετέχει, associando o primeiro a “tornar-se” e o segundo a “is” em sentido predicativo. Não suficiente às distinções lexicais apresentadas por Cornford nos termos μετέχω e μεταλαμβάνω, relaciona-se μεταλαμβάνω a γίγνεσθαι e μετέχω a εἶναι. Presumivelmente Cornford e Scolnicov apresentam a mesma distinção e mesma posição acerca do problema. Entretanto, deve-se perguntar: quais as razões que fundamentam esta relação? A resposta pode ser encontrada no próprio texto de Platão.

[155e] O *um*, se é tal como discorremos, sendo tanto *um* quanto múltiplas coisas, e não sendo nem *um* nem múltiplas coisas, e participando do tempo [μετέχον], não é necessário que ora, porque é *um*, participe [μετέχειν] da essência [οὐσίας], e ora, por outro lado, porque não é, não participe [μετέχειν] da essência [οὐσίας]?

É necessário.

<sup>9</sup> Fujisawa parece elucidar o problema. Entretanto, a distinção ressaltada por Fujisawa se dá em maior força para distinguir ἔχειν de μετέχειν e μεταλαμβάνειν. E a distinção e o problema se dá para defender a tese de caracteres imanentes, e não parece tratar profundamente sobre o problema da predicção. Cf. FUSISAWA, 1974.

## OCCURSUS REVISTA DE FILOSOFIA

Assim sendo, quando participa [μετέχει], poderá, nesse momento, não participar [μετέχειν], ou, quando não participa [μετέχει], participar [μετέχειν]?

Não poderá.

Logo, é em um tempo que ele participa [μετέχει], e é em outro que não participa [μετέχει]. Pois somente desse modo poderia participar e não participar [μετέχει].

[156a]Correto.

Assim sendo, não haverá também aquele tempo em que ele entra em participação [μεταλαμβάνει] com o ser e em que dele se afasta? Ou como será possível ora ter [ἔχειν] e ora não ter [μὴ ἔχειν] a mesma coisa, se jamais ele a apanhar [λαμβάνει] ou largar [ἀφίη]?

De modo nenhum será possível.

E o entrar em participação [μεταλαμβάνειν] com a essência não chamamos vir-a-ser [γίγνεσθαι]?

Sim, perfeitamente.

O *um* então, como parece, apanhando [λαμβάνον] e largando [ἀφιέν] a essência, tanto vem a ser quanto perece. (PLATÃO, *Parmênides*. 155e-156a).

A passagem acima apresenta um problema que poderia ser uma insolúvel aporia da participação.

O que é apresentado, de início, é uma determinada concepção acerca do *um*, o qual pode ser entendido ou bem ora como *um*, ou bem ora como muitos ou múltiplos (πολλά). Todavia, se o *um* pode ser ora entendido como *um* e ora como πολλά, ora ele pode não ser entendido como *um* ora não pode ser entendido como πολλά. E, participando do tempo, é necessário admitir que algum tipo de mudança, uma vez que um item (x) que participa da forma (F) ora pode ser retentor de um predicado (f) em razão da participação, ora pode não ter mais tal predicado (f) e, portanto, não ser mais um participante da Forma (F). O que se diz, precisamente, é: o participante do tempo (μετέχον χρόνου), a um tempo participa de uma propriedade (ουσίας μετέχειν ποτέ), a outro tempo não participa da propriedade (μὴ μετέχειν αὐτῷ ποτε οὐσίας).

Seguindo esta análise o participante do tempo (μετέχον χρόνου) tendo como motivo um só aspecto, ser participante do tempo (μετέχον χρόνου), ora é participante ora não é participante da propriedade (ουσίας). Isto é, semelhante a posição de Zenão no início do

**BREVE ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO EM PLATÃO**

diálogo, impossível. Isto é impossível uma vez que é uma contradição: sob o mesmo aspecto, ser participante do tempo, o participante é e não é participante da propriedade (οὐσίας). Assim sendo, o tempo é causa de um participante possuir alguma propriedade (beleza, justiça, etc.) e não possuir esta mesma propriedade. É claro, como é afirmado no diálogo, que não poderá “quando participa (μετέχει) (...) não participar (μετέχειν), ou, quando não participa (μετέχει), participar (μετέχειν) (PLATÃO, *Parmênides*. 155e).”

Eis uma aporia da participação: por participar no tempo algo é e não é. Entretanto, para esta há solução? A solução é a instauração de dois momentos temporais: (i) o momento em que participa e (ii) o momento em que não participa. O instaurar destes dois momentos resolve a contradição, pois, é em um momento que se diz que participa e, em outro momento distinto, se diz que não participa. O que, então, poderia diferenciar e instaurar os distintos momentos temporais?

Até então, o único termo usado para dizer participação nesta passagem é μετέχω, em suas devidas conjugações e, ou, declinações. E é brilhante pois em grego a última palavra usada em 155e é μετέχοι. Eis que acaba 155e, começa 156a, e o termo μετέχω nem mais irá surgir no argumento. O termo usado agora para dizer participação é μεταλαμβάνω.

É importante ter em mente: μεταλαμβάνειν é distinto de μετέχειν. O primeiro, sob análise lexical, teria um sentido aproximado de “juntamente com o agarrar”, o segundo, “juntamente com o possuir”. Em contraposição ao apanhar (λαμβάνω) tem-se o largar (ἀφω).

Assim o ente entra em participação (μεταλαμβάνει) e com isso ele apanha (λαμβάνει) por participar (μεταλαμβάνει) determinada propriedade (οὐσία), e têm essa propriedade (ἔχει), mas não eternamente (como em μετέχω), mas por um tempo efêmero, que dura apenas até largar (ἀφει) a propriedade que retêm na participação e a participação (μεταλαμβάνει) cessar. Este sentido de participação, fugaz, apresenta claramente a presença do conceito de “vir-a-ser” para a compreensão de seu sentido, e, por vezes, este conceito se dá grafado em grego através do termo γίγνομαι. Este caso, certamente, se dá no *Fédon*, na emblemática passagem que parece ser a capital para entender a participação em Platão.

O que me parece é que se existe algo belo além do belo em si, só poderá ser belo por participar desse belo em si. O mesmo afirmo de tudo o mais. Admita essa espécie de causa?

Admito, respondeu.

### Otacilio Luciano de Sousa Neto

Então, já não compreendo, continuou, as outras causas, de pura erudição e nem consigo explicá-las. E se, para justificar a beleza de alguma coisa, alguém me falar da sua cor brilhante, ou da forma, ou do que quer que seja, deixo tudo o mais de lado, que só contribui para atrapalhar-me, e me atenho única e simplesmente, talvez mesmo com uma boa dose de ingenuidade, ao meu ponto de vista, a saber, que nada mais a deixa bela senão tão só a presença ou comunicação daquela beleza em si, qualquer que seja o meio ou caminho de lhe acrescentar. De tudo o mais não faço grande cabedal; o que digo é que é só pela beleza em si que as coisas belas são belas. Na minha opinião, essa é a maneira mais certa de responder, tanto a mim mesmo como aos outros. Firmando-me nessa posição, tenho certeza de não vir a cair e de que tanto eu como qualquer pessoa em idênticas circunstâncias poderá responder com segurança que é pela beleza que as coisas belas são belas.

φαίνεται γάρ μοι, εἴ τί ἐστιν ἄλλο καλὸν πλὴν αὐτὸ τὸ καλόν, οὐδὲ δι' ἐν ἄλλο καλὸν εἶναι ἢ διότι μετέχει ἐκείνου τοῦ καλοῦ: καὶ πάντα δὴ οὕτως λέγω. τῇ τοιᾷδε αἰτία συγχωρεῖς;

συγχωρῶ, ἔφη.

οὐ τοίνυν, ἦ δ' ὅς, ἔτι μανθάνω οὐδὲ δύναμαι τὰς ἄλλας αἰτίας τὰς σοφὰς ταύτας γινώσκειν: ἀλλ' ἐάν τις μοι λέγῃ δι' ὅτι καλόν ἐστιν ὅτιοῦν, ἢ χρῶμα εὐανθὲς ἔχον ἢ σχῆμα ἢ ἄλλο ὅτιοῦν τῶν τοιούτων, τὰ μὲν ἄλλα χαίρειν ἐῶ, —ταράττομαι γὰρ ἐν τοῖς ἄλλοις πᾶσι—τοῦτο δὲ ἀπλῶς καὶ ἀτέχνως καὶ ἴσως εὐήθως ἔχω παρ' ἐμαυτῶ, ὅτι οὐκ ἄλλο τι ποιεῖ αὐτὸ καλὸν ἢ ἡ ἐκείνου τοῦ καλοῦ εἴτε παρουσία εἴτε κοινωνία εἴτε ὅπη δὴ καὶ ὅπως προσγενομένη: οὐ γὰρ ἔτι τοῦτο δισχυρίζομαι, ἀλλ' ὅτι τῶ καλῶ πάντα τὰ καλὰ γίνεταί καλά. τοῦτο γὰρ μοι δοκεῖ ἀσφαλῆστατον εἶναι καὶ ἐμαυτῶ ἀποκρίνασθαι καὶ ἄλλω, καὶ τούτου ἐχόμενος ἠγοῦμαι οὐκ ἂν ποτε πεσεῖν, ἀλλ' ἀσφαλὲς εἶναι καὶ ἐμοὶ καὶ ὄψοῦν ἄλλω ἀποκρίνασθαι ὅτι τῶ καλῶ τὰ καλὰ γίνεταί καλά: ἢ οὐ καὶ σοὶ δοκεῖ;

(PLATÃO, *Fédon*. 100c-e. NEGRITOS NOSSOS).

O termo que se grafá em grego é γίνεταί, e, não há dúvidas, que o termo tem o sentido de “vir a ser<sup>10</sup>”. Por este motivo discordamos aqui da presente tradução, uma vez que o que Sócrates diz que é pela Beleza que as coisas se tornam belas.

É claro que a acepção Socrática não parece, como afirma o próprio Sócrates, indubitável, já que o próprio personagem que profere as palavras afirma que pode haver nele uma boa dose de ingenuidade ao defender a participação. Não obstante, como é possível que o personagem que muitíssimas vezes é o baluarte da discussão nos diálogos platônicos não estar seguro de uma tão importante doutrina? O fato é que, mesmo que Sócrates possa parecer seguro acerca da existência das Formas, ele não parece seguro de como funciona as relações

<sup>10</sup> Cf. LIDDEL, H. G. SCOOT, R. 1996.

que se dão entre as Formas.

Nos mais importantes diálogos para a participação – os considerados por nós os mais importantes objetos de pesquisa – a saber, *Fédon*, *Parmênides* e *Sofista*, Sócrates em momento algum parece estar totalmente seguro acerca de alguma relação que se dá entre Forma e quaisquer itens que dela participar, o que não impede o personagem de homologar ou propor fortíssimos aspectos acerca da participação. No *Fédon*, mesmo que assuma que possa estar sendo ingênuo, ele assume um sentido de participação que apresenta a possibilidade de transição de um item que não é portador de um predicado e, pela participação na Forma, pode se tornar retentor de um predicado conferido pela Forma<sup>11</sup>. No *Parmênides* Sócrates apenas nos passos 129a-e irá proferir as palavras que dizem participação: μετέχειν, μεταλαμβάνειν, e em momento algum do diálogo irá dizê-las novamente, apenas aceitará ou recusará as perguntas feitas pelo personagem Parmênides. Este último, no entanto, através de suas questões, irá tratar de importantes aspectos da participação. Já no *Sofista*, Sócrates se cala logo no início do diálogo e caberá ao Estrangeiro de Eléia apresentar a teia de conexões que há entre Formas (συμπλοκή τῶν εἰδῶν)<sup>12</sup>.

Visto isso, não é possível que seja alvo de contenda o sentido de participação, tanto no *Fédon* como no *Parmênides*, que traga consigo a noção de “tornar-se”, fazendo com que um item que não é x possa vir-a-ser x por participar de uma Forma X, “juntamente com o agarrar” da propriedade. Entretanto, Platão não deixa de escrever:

Mas, estou certo de que também admities que nunca poderá a neve, como neve, conforme dissemos há pouco, depois de receber o calor, continuar a ser o que era: neve com calor. Com a aproximação do calor, ou ela se retira ou vem a fenecer.

Perfeitamente.

Tal qual o fogo: com a chegada do frio, retira-se ou perece; de jeito nenhum, depois de receber o frio, se atreveria a ser o que antes era: fogo, a um tempo, e frio.

Falaste com muito acerto, observou.

Pode acontecer, continuou, nalguns exemplos desse tipo, que não somente a ideia em si mesma tenha o direito de conservar eternamente o mesmo nome, como também algo que diferente que, sem ser aquela ideia, apresenta-se, enquanto existe, com sua forma. É possível que com o seguinte exemplo eu

<sup>11</sup> Sócrates, inseguro e ousado, ainda irá apresentar um exemplo de outro sentido de participação.

<sup>12</sup> Cf. PECK, A. L. Plato's "Sophist": The συμπλοκή τῶν εἰδῶν. 1962.

## BREVE ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO EM PLATÃO

deixe mais claro meu pensamento. O número ímpar terá de conservar sempre esse nome com o que o designamos. Ou não?

Perfeitamente.

[...] Seja como for, de tal modo é construída a natureza do três, do cinco e de toda uma metade de números, que apesar de cada um deles não ser a mesma coisa que o ímpar, sempre terá de ser ímpar. O mesmo passa com o dois, o quatro e toda a outra metade dos números, que, sem serem o par, sempre terão de ser pares. Admites isso ou não?

Como não admitir? Foi a sua resposta.

ἀλλὰ τόδε γ' οἶμαι δοκεῖ σοι, οὐδέποτε χιόνα γ' οὔσαν δεξαμένην τὸ θερμόν, ὥσπερ ἐν τοῖς πρόσθεν ἐλέγομεν, ἔτι ἔσεσθαι ὅπερ ἦν, χιόνα καὶ θερμόν, ἀλλὰ προσιόντος τοῦ θερμοῦ ἢ ὑπεκχωρήσειν αὐτῷ ἢ ἀπολεισθαι.

πάνυ γε.

καὶ τὸ πῦρ γε αὖ προσιόντος τοῦ ψυχροῦ αὐτῷ ἢ ὑπεξίεναι ἢ ἀπολεισθαι, οὐ μέντοι ποτὲ τολμήσειν δεξάμενον τὴν ψυχρότητα ἔτι εἶναι ὅπερ ἦν, πῦρ καὶ ψυχρόν. ἀληθῆ, ἔφη, λέγεις.

ἔστιν ἄρα, ἦ δ' ὅς, περὶ ἓνια τῶν τοιούτων, ὥστε μὴ μόνον αὐτὸ τὸ εἶδος ἀξιούσθαι τοῦ αὐτοῦ ὀνόματος εἰς τὸν αἰεὶ χρόνον, ἀλλὰ καὶ ἄλλο τι ὃ ἔστι μὲν οὐκ ἐκεῖνο, ἔχει δὲ τὴν ἐκείνου μορφήν αἰεὶ, ὅτανπερ ἦ. ἔτι δὲ ἐν τῷδε ἴσως ἔσται σαφέστερον ὃ λέγω: τὸ γὰρ περιττὸν αἰεὶ που δεῖ τούτου τοῦ ὀνόματος τυγχάνειν ὅπερ νῦν λέγομεν: ἢ οὐ;

πάνυ γε.

ἄρα μόνον τῶν ὄντων—τοῦτο γὰρ ἐρωτῶ—ἢ καὶ ἄλλο τι ὃ ἔστι μὲν οὐχ ὅπερ τὸ περιττὸν, ὅμως δὲ δεῖ αὐτὸ μετὰ τοῦ ἑαυτοῦ ὀνόματος καὶ τοῦτο καλεῖν αἰεὶ διὰ τὸ οὕτω πεφυκέναι ὥστε τοῦ περιττοῦ μηδέποτε ἀπολείπεσθαι; λέγω δὲ αὐτὸ εἶναι οἶον καὶ ἡ τριάς ἐπέπονθε καὶ ἄλλα πολλά. σκόπει δὲ περὶ τῆς τριάδος. ἄρα οὐ δοκεῖ σοι τῷ τε αὐτῆς ὀνόματι αἰεὶ προσαγορευτέα εἶναι καὶ τῷ τοῦ περιττοῦ, ὄντος οὐχ ὅπερ τῆς τριάδος; ἀλλ' ὅμως οὕτως πέφυκε καὶ ἡ τριάς καὶ ἡ πεμπτὰς καὶ ὁ ἥμισυς τοῦ ἀριθμοῦ ἅπας, ὥστε οὐκ ὦν ὅπερ τὸ περιττὸν αἰεὶ ἕκαστος αὐτῶν ἔστι περιττός; καὶ αὖ τὰ δύο καὶ τὰ τέτταρα καὶ ἅπας ὁ ἕτερος αὖ στίχος τοῦ ἀριθμοῦ οὐκ ὦν ὅπερ τὸ ἄρτιον ὅμως ἕκαστος αὐτῶν ἄρτιός ἐστιν αἰεὶ: συγχορεῖς ἢ οὐ;

πῶς γὰρ οὐκ; ἔφη.

(PLATÃO. *Fédon*. 103d-104b).

Para analisar a passagem do *Fédon* é necessário lembrar alguns pontos. Primeiro de que a Forma se relaciona com outros entes, sejam eles entes sensíveis ou mesmo outras Formas. Quando uma Forma tem relação com um ente sensível e o ente sensível nesta relação retém [ἔχει] uma propriedade [οὐσία] chamamos isso de participação. Antes foi visto que um

### Otacilio Luciano de Sousa Neto

ente pode possuir uma propriedade e em outro momento não mais a possuir, quando isto acontece, dizemos participação através do termo μεταλαμβάνω.

Contudo, o sentido de participação aferido no *Fédon* (130d-104b) é outro.

É sabido que em uma relação de participação àquilo que participa da Forma possui (ἔχειν), ou melhor, agarra (λαμβάνειν), uma propriedade (ὄνσια) em razão da participação. Viu-se que um ente pode vir a tornar-se retentor de um predicado caso venha a ser (γίγνεται) participante da Forma, e pode muito bem não reter mais o predicado caso a participação cesse. Entretanto, é possível pensar em alguma participação que jamais cesse, apontando uma propriedade tão duradoura quanto a própria existência essencial do ente?

De antemão, este tipo de participação seria impossível, pois, os entes sensíveis, mutáveis que são, jamais se conservam idênticos, nem a si mesmos e nem em relação aos outros (*Fédon*, 78a-79b). Tal mutabilidade poderia muito bem indicar que nenhum tipo de participação poderia se dar eternamente – ou necessariamente, enquanto o próprio participante existisse.

O que se apresenta, entretanto, no *Fédon* (130d-104b), é outro tipo de relação, necessária e eterna, em que algo que é diferente da Forma da qual participa conserva durante toda a sua existência a relação que há com tal diferente Forma. Assim sendo, um ente seria, enquanto existente, retentor de um predicado x por participar de uma Forma X. Forma esta, a qual, é totalmente divergente do ente. De tal maneira, m ente que relaciona com a Forma e possui dela propriedades, predicados, pode se conservar durante toda sua existência retentor de determinada propriedade sem nunca apanhando (λαμβάνων), mas sempre a possuindo (ἔχει) e nunca largando (ἀφιέν). Assim, seria necessário dizer que ele é (ἐστίν) belo, justo, bom, ou quaisquer coisas que seja por participar da Forma, e não é possível dizer que ele se tornou (γίγνεται) belo, justo, bom (ou quaisquer predicados cabíveis), pois se ele se tornou é necessário afirmar que antes não era. Contudo, desde sua existência, sempre foi retentor de tal predicado.

Certamente é possível pensar que justo, belo e bom são predicados transitórios, podendo assim um item se tornar justo, belo ou bom, e, em algum momento, não o ser mais. Não pensamos aqui a possibilidade de algum ente seja justo essencialmente, e participe da

justiça sem nunca a agarrar, mas sendo justo por possuir a justiça<sup>13</sup>.

Como exemplos Sócrates apresenta o caso do fogo, que enquanto existir será quente. Se não for mais quente, não existe e não é mais fogo. A neve, enquanto neve, é fria e se não for mais fria não será mais neve. O número três é ímpar, e não pode acontecer de existir um três não ímpar e que seja par.

Entretanto, os exemplos dados por Sócrates divergem acerca do objeto de que tratam. No primeiro caso, a neve e o fogo, ambos são entes sensíveis que podem ser captados pela senso-percepção. De tal modo, mesmo que estes entes sensíveis nunca permaneçam idênticos a si mesmos e nem aos outros (*Fédon* 78a-79b), eles têm um tipo de participação que permanece enquanto permanece a própria existência do ente: a neve enquanto a neve (χιόνα) deverá possuir (ἔχει) o predicado frio (ψυχροῦ), sob pena de não mais existir enquanto neve caso a participação cesse; o fogo (τὸ πῦρ), por sua vez, deverá ser sempre quente (θερμόν), sob pena de não ser mais fogo se a participação cessar. Não caberá, de maneira alguma, à neve ser quente – uma vez que não existirá mais – e nem caberá ao fogo ser frio. Estas participações, embora se deem entre entes mutáveis, duram enquanto existir o ente.

Todavia, distinto é o caso do número três, uma vez que três não parece ser um ente um ente sensível. Pensa-se duas maneiras de entender o numeral três: (i) ou bem três é predicado de algo (e.g.: Sócrates é três por possuir três partes: cabeça, tronco e membros), ou (ii) bem três poderá ser uma Forma abstrata que confere predicados. Igual seria o caso do Um, do Cinco, e de demais números. Se pensarmos o primeiro ponto (i) deverá haver uma Forma Tríade que possibilite que algo seja três. Todo três, portanto, é ímpar. Porém, ímpar é um predicado, então há a Forma Ímpar que lhe confere predicado. Assim sendo, todo predicado três deverá participar do Ímpar e ser predicado de ímpar. Logo: todo item que tiver o predicado de três deverá também ser ímpar pois o predicado três participa necessariamente (μετέχει) do Ímpar. Sob o segundo aspecto (ii) para pensar, tem-se que Três é uma Forma abstrata que confere predicado três aos entes que dela participa, porém, é necessário assumir que Três é ímpar, e é ímpar por participar do Ímpar. Nesta participação entre Formas, Três (ou

---

<sup>13</sup> Platão, de fato, não deixa de investigar como seria possível que um ente participe (μετέχει) de uma determinada Forma que lhe confesse um predicado virtuoso, tal como o exemplo da Justiça usado acima. De fato, tal relação é objeto de investigação no livro II da *República* (359c em diante). A investigação de Sócrates e Glauco é sobre a possibilidade de haver um homem justo de tal maneira que continuasse justo mesmo de posse de ilimitado poder, alegoricamente apresentado como anel de Gíges, ou de quaisquer peripécias que podem se dar no tempo. Portanto, a busca de Sócrates e Gláuco no livro II da *República* é por um tipo de participação (μετέχειν) neste sentido: um homem que é (ἔστιν) justo e jamais poderá vir a ser (γίγνεται) injusto.

Tríade) que participa de Ímpar, se faz necessário dizer que todo item que participa do Três deverá ser ímpar porque a própria Tríade participa do Ímpar.

Neste tipo de participação – sendo tomado como objeto o fogo, a neve, o três, etc... – o item é [εἶναι] “juntamente com” [μετά] o possuir [ἔχει] a propriedade [οὐσία], denominado a partir da Forma, e não se torna [γίγνεσθαι] algo “juntamente com” [μετά] o apanhar [λαμβάνω] daquela propriedade.

Através da análise dos passos 155e-156a do *Parmênides* é perceptível que μεταλαμβάνω é associável a uma participação mutável, que ora pode ser e pode não ser. E μεταλαμβάνω é apresentado para resolver o problema que traz outro tipo de participar [μετέχω] onde o ente é por participar na Forma, e não é possível se tornar, porque ou bem participa ou bem não participa e não pode participar não participando e nem mesmo não participando, participar. Assim, μετέχω não explica todos os casos de relações entre Formas e entes sensíveis pois existem as relações que iniciam e cessam, que se dizem através de μεταλαμβάνω. O participar de μετέχω é o participar no qual o ente é [εἶναι] por participar da Forma, e sendo não pode não ser, e definitivamente possui [ἔχει] a propriedade [οὐσία].

Por analogia, é possível perceber que este é o caso 103d-104b no *Fédon*, pois o numeral três juntamente com o possuir [μετέχει] a propriedade [οὐσία] do Ímpar, é [εἶναι] três. E não pode ele largar [ἄφει] o ímpar, pois assim deixaria de existir e de ser três. O mesmo ocorre com a neve e o frio, o fogo e o calor.

Mesmo outros pesquisadores de Platão parecem ter se deparado com o problema. Trindade Santos, em sua introdução ao *Sofista*, revisa concepções de participação presentes em Platão. Dentre elas, a do *Fédon*. No texto é possível ler:

Por exemplo, no caso da alma, os predicados “mortal/imortal” são atribuídos em função da participação da alma noutra entidade que a inclui (seja, “ a Forma da Vida”: *Féd.* 106d; vide 103a-105e). Todavia, no caso da atribuição da “altura/pequenez” a Símas, esses predicados são atribuídos pela comparação de altura de Símas com as de Sócrates e de Fédon, o que implica legitimar a predicação de acordo com a observação casuística da variação relacional.

Sendo “X” diferente de “algo” (ou o “é” expressaria uma identidade), “alto tem” (pelo menos) momentaneamente um “x”, mediante a participação nele da Forma “X”. No entanto, contextos relacionais (“x tem algo”, agora, mas não antes ou depois; para uns, mas não para outros; em relação a uns, mas uma propriedade “x” a um sensível depende de factores externos, excepto no caso de se tratar de uma propriedade essencial, de “algo ser x” (102b-c). (SANTOS, 2011. p139).

Certamente, discordamos de Trindade Santos ao pensar que a retenção de uma propriedade poder-se-ia ser causada por factores externos, mas que parecem ser simplesmente frutos da contingência. Discordamos pois, pensamos, que não é por outro motivo se não a participação na Forma que um ente poderá vir-a-ser portador de um predicado (*Fédon* 100c-e). Entretanto, o que Trindade Santos não mencionou – mas certamente tinha consciência, só não o fez uma vez que não era o escopo do trabalho o qual estava a realizar no Sofista – é que sua distinção entre participação que apresenta uma propriedade essencial e uma participação que se dá juntamente com factores externos (ou seja, factores temporais, ou seja: uma participação que retém predicados participando do tempo<sup>14</sup>) é exatamente esta distinção traçada entre *μετέχειν* e *μεταλαμβάνειν*.

É interessante apresentar que esta distinção é corrente em todo diálogo *Parmênides*, sendo respeitada na maioria dos casos. As únicas exceções nas quais *μετέχειν* e *εἶναι* aparecem juntas no diálogo, são:

1. Na fala de Sócrates, em 128a9, Sócrates associa *μετέχειν* a *εἶναι*. É importante, então, lembrar que Sócrates é apresentado no diálogo, e em alguns outros momentos, como um personagem ainda inseguro acerca da relação entre Formas e participantes.
2. Em 155c-d *μετέχειν* é associado a *εἶναι*. Este é o único passo que poderia apresentar quaisquer problemas à tese dos dois sentidos de participação. Mesmo que um hábil argumentar possa utilizar essa passagem para ir contra a presente tese, acredita-se que não haverá vantagem alguma. Na passagem – como em muitos momentos da segunda parte do diálogo – o *Um* está sendo associado ao Ser, ou desassociado, com o intuito de ser objeto de investigação. Em 155c-d, a única associação é que se diz que o tempo participa do *um* que é e do tornar-se mais velho e mais jovem (*χρόνου μετέχει τὸ ἐν πρεσβύτερόν τε καὶ νεώτερον γίνεσθαι*) e não aferimos quaisquer maneiras de que a passagem possa, efetivamente, trazer problemas à tese.
3. Nas demais aparições dos termos *μεταλαμβάνω* no *Parmênides* ou bem surge acompanhado do termo *γίνεσθαι*, ou bem não é acompanhado de nenhum tempo que possa associá-lo ao “ser” ou ao “tornar-se”. Semelhantemente, *μετέχω* ou bem irá surgir ao lado de *εἶναι* ou não indicará o “ser” ou o “tornar-se”. Interpretamos que, quando não indicado, a associação a “vir-a-ser” ou ao “ser” não é interessante ao argumento trabalhado pelos personagens.

---

<sup>14</sup> Cf. PLATÃO. *Parmênides*. 155e-156a.

Assim se conclui que há uma distinção entre μετέχω e μεταλαμβάνω no *Parmênides*. Outrossim, tal qual distinção é consonante com a que Cornford traça em apenas quatro linhas, instaura uma profundidade ao sentido de participação<sup>15</sup>, de modo que a participação é compreendida para resolver através de um argumento ontológico a possibilidade lógica de dois tipos de predicação: um transitório, descrito como *per aliud*, tendo em vista uma relação que não qualifica a natureza do participante e associado ao termo γίγνομαι; outro permanente, descrito como *per se*, que diz respeito a uma relação entre a natureza do participante e a Forma e associado ao termo εἶναι. Portanto, no *Fédon* os dois sentidos de participação surgem no diálogo: *per aliud* entre 100c-e, e *per se* entre 103d-104b; no *Parmênides*, sobretudo na primeira parte do diálogo, entre 129a-131c, Platão propositalmente confunde os sentidos para apresentar como, sem esta distinção, as dificuldades para compreensão se tornam ainda mais profundas. Esta clareza só surge em 155e-156a, como foi visto. E no *Sofista*, entre 253a-255d, ambos os sentidos surgem a partir de sua fundamentação com os gêneros supremos: o Mesmo caracterizando relações *per se* e o Outro dando origem a relações *per aliud*.

### Referências bibliográficas

CORNFORD, F.M., *Plato and the Parmenides. Parmenides' Way of Truth and Plato's Parmenides*. translated with an introduction and a running commentary. London: Routledge & Kegan Paul, 1939.

FERRARI, Franco. Conhecimento Filosófico e opinião política no livro V da República de Platão. Em: ARAÚJO, Carolina (org). *Verdade e Espetáculo: Platão e a questão do ser*. Rio de Janeiro, 7letras, 2014.

FINE, Gail. *Plato on Knowledge and Forms: Selected Essays*. New York: Oxford University Press, 2003.

FUJISAWA, Norio. *Échein, Metéchein, and Idioms of 'Paradeigmatism' in Plato's Theory of Forms*. Phronesis, Vol. XIX (1974). pp. 30-58.

KAHN, C., *Plato and The post-socratic dialogue: the return of Philosophy of Nature, etc*. New York: Cambridge University Press, 2013.

---

<sup>15</sup> Cf. CORNFORD, 1939, p.69.

**BREVE ESTUDO SOBRE OS SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO EM PLATÃO**

LIDDEL, H. G. SCOTT, R. *Greek-English Lexicon* - With a revised suplement. Oxford: Clarendo Press, 1996.

NEHAMAS, Alexander. Participation and Predication in Plato's Later Thought. Em: *The Review Of Methaphysics*. Vol. 36, no 2 (Dez. 1982). pp343-347.

NETO, Otacilio Luciano de Sousa. *Análise das aporias da participação no "Parmênides" de Platão: um estudo introdutório*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

\_\_\_\_\_, *Metécho e metalambáno*: haveria mais de um sentido de participação no "Parmênides" de Platão? *Ítaca*, n.o 29, 2015, p10-26.

PLATÃO. *Fédon*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2011.

\_\_\_\_\_, *Parmênides*. Tradução, apresentação e notas de Maura Iglesias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Edições Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_, *República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 1949.

\_\_\_\_\_, *Sofista*. Tradução de Henrique Murachco, Juvino Maia Jr., José Gabriel Trindade dos Santos. Introdução e apêndice de José Gabriel Trindade Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

SCOLNICOV, Samuel. *Plato's Parmenides*. Translated with Introduction and commentary. Berkley, Los Angeles, London: University of Calofornia Press, 2003.